



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9277 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

EDUCAÇÃO E CINEMA: POR UMA PEDAGOGIA CORSÁRIA

Giovana Scareli - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

João Paulo Barreto Dias - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

Sinopse: O presente trabalho busca aproximar o cinema da educação e refletir sobre uma possível pedagogia corsária. O cinema como ato subversivo de criação; síncope de imagem em movimento e som; forma expressiva de arte que ludibria as pedagogias que territorializam o saber. Inspirados, principalmente, pela obra de Pier Paolo Pasolini e outros autores que, em alguma medida, foram afetados pelas cintilações dos vaga-lumes pasolinianos, acreditamos que o cinema se aproxima da educação por meio de uma pedagogia de pilhagens inventivas, que burla as formas padronizadoras de mundos ao reconhecer as potências artísticas e políticas destes indivíduos luminescentes que se apoiam na linguagem fílmica como forma de expressão e que constroem um conhecimento sensível.

Palavras-chave: Educação. Cinema. Pedagogia. Pasolini. Criação.

Fade in

Em setembro de 1973, Pier Paolo Pasolini nos agraciava com o emblemático texto-denúncia, “*O discurso dos cabelos*”. Nele, o cineasta, poeta, escritor, que apreciava a interpretação semiótica da realidade, averiguou que a linguagem dos cabelos na Itália daquele período se comunicava de forma ontológica e até melhor que a linguagem das palavras e se traduzia numa unificação gerada pela civilização do consumo. Cabelos similares em comunidades que se julgavam distintas.

Boa parte dos controversos escritos políticos *pasolinianos* dissecam um novo tipo de poder que silenciava a diversidade cultural dos povos que foram unificados no imaginado território italiano. A acelerada industrialização em seu país triturou focos culturais de resistência, delegando ao mercado e às práticas de consumo, um novo tipo de poder – padronizador, de méritos escalonados e de conseqüente sustentação ao fracasso pessoal. Isso que Pasolini denominava como genocídio cultural, essa forma de silenciamento do corpo juvenil, aquele corpo que o autor dedicou tanto amor artístico em suas representações. O novo poder em vigência sobrepunha inclusive os antigos poderes detentores da moralidade daquela sociedade, já que era invisível, incisivo e pleiteava um ideal de vida burguês. Essa forma de poder o autor chamou de neofascismo, ou fascismo de consumo, e foi interpretada por Pasolini através de determinadas impressões nas feições, expressões, gestos, roupa, fala, corpos.

Segundo Didi-Huberman (2011), a primeira enunciação de Pasolini aos vaga-lumes referenciados do universo dantesco se dá na carta escrita ao amigo Franco Farolfi, em fevereiro de 1941. Nela, um Pasolini otimista, dotado de desejos, descreve a virtude de amizades, amores, da alegria inocente presente no corpo jovem. Vaga-lumes que iluminam um fascismo triunfante, lampejos que questionam um contexto de trevas. No entanto, em 1975, ocorre a abjuração dessas culturas cintilantes. No texto intitulado: “*O artigo dos vaga-lumes*” Pasolini decreta a morte dos vaga-lumes e o desaparecimento das humanidades possíveis nas relações “aniquilados pela noite” ou pela projeção ofuscante (DIDI-HUBERMAN 2011, p. 26). Em ambas as hipóteses, a sombria, ou a luminosa, observa-se que o enfraquecimento das micro luzes emitidas por vaga-lumes, como já enunciado acima, advém do que ele chama de genocídio cultural em vigência, acompanhado dessa nova forma de poder mais complexa e avassaladora.

Em seu texto de referência ao artigo pasoliniano, Didi-Huberman (2011) presa pelas resistências de movimentos e culturas vaga-lumes, grupos não vencidos, formuladores de fissuras:

Há sem dúvidas motivos pra ser pessimista, contudo, é tão mais necessário abrir os olhos na noite, se deslocar sem descanso, voltar a procurar os vaga-lumes. Aprendo que existem ainda, vivas, espalhados pelo mundo, duas mil espécies conhecidas desses pequenos bichinhos (classe: insetos, ordem: coleópteros, família: lampírides ou lampyridae). (...) É preciso saber que, apesar de tudo os vaga-lumes formaram em outros lugares suas belas comunidades luminosas (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 49-50).

Pasolini tinha horror dos contornos padronizados de mundo. Seu questionamento de um domínio hegemônico, impositor de formas de comportamento iam, sobretudo, em oposição aos condenadores dos viventes corpos que preenchiam a variedade sociocultural da Itália de outrora. O apreço pelos dialetos e a recorrente utilização dessa expressão em seus filmes, assim como a defesa deste mundo arcaico, da sua arquitetura, culinária, gestos, danças, gentes, enfim, um mundo gerador de riquezas infindáveis, eram elementos certos nas suas criações.

Na entrevista concedida horas antes de seu assassinato, o cineasta questiona o modelo educacional comum e obrigatório, produtor de corpos obedientes, em que todos os envolvidos desse sistema são vítimas e culpados.

Partindo da genialidade provocativa do herético cineasta e concordando com Didi-Huberman (2011) acerca da (sobre)vivência desses vaga-lumes que resistem nos deixando seus rastros, ou que ainda estão entre nós, as contribuições pasolinianas para a educação, e especificamente com a arte, são valiosas e contemporâneas. O objetivo deste texto é, portanto, aproximar o cinema da educação e refletir sobre uma possível pedagogia corsária de método apropriativo, uma pilhagem inventiva que absorve das linguagens artísticas composta de maneira coletiva nas práticas de cinema em espaços formais e não formais. O cinema como ato subversivo de criação; síncope de imagem em movimento e som; forma expressiva de arte que ludibria as pedagogias que territorializam o saber.

Zoom – uma aproximação do que seria uma pedagogia corsária

Oliveira (2020) recorre aos vaga-lumes pasolinianos associando-os com trabalhos de pedagogias de imagens produzidas por infâncias. No texto, que incorpora o nome vaga-lume em seu título, nos é apresentado a educabilidade na arte das letras excedendo elementos

convencionais da linguagem. Essa ação se dá no campo da literatura e da imaginação que busca, de forma transgressora, “pilhar” outras artes como o desenho ou extrapolações poéticas. São ações que visam burlar os métodos fronteiriços que delegam à língua um regime de poder. Em outra produção, Alves; Silva e Versuti (2020), apresentam a riqueza heterogênea na valorização pedagógica como a prática de multiletramentos através da experimentação estética por meio da obra e vida do artista Alfredo Volpi. Uma pedagogia que deseja dilatar o tempo, que preza pelo exercício do sentir, do devorar, do suspender o juízo, do cultivar a delicadeza que viaja através do sentido. Uma forma de desenvolver um conhecimento sensível.

Os dois exemplos supracitados certamente não condizem com a escola modeladora sustentada por Pasolini em sua crítica. Os artigos de Oliveira (2020) e Alves; Silva e Versuti (2020) produzidos a partir de um trabalho com imagens, em uma perspectiva de multiletramentos, colaboram para o protagonismo das crianças que profanam, que produzem pilhagens criativas em busca de outras (novas?) identidades, signos e campos de conhecimento.

O trabalho das autoras nos provoca a pensar no cuidado necessário que os educadores precisam cultivar para não ofuscar com seus métodos e pré-concepções as infâncias luminescentes e cheias de vida ao nosso redor. Esse cuidado é fundamental nos espaços de formação, afinal, não faltam expressões relacionadas à “luz” nos meios escolares e acadêmicos. Equivocadamente, aluno foi traduzido como “sem luz” (a = negação, lumen = luz), no entanto, aluno vem do latim *alumnus*, que vem de *alere*, que quer dizer “alimentar”, “nutrir”, portanto, aluno é aquele que está sendo nutrido, alimentado. Contudo, a metáfora da luz pode nos ajudar a refletir sobre o cotidiano. Acender ou alimentar os desejos e curiosidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos em formação é responsabilidade dos professores, embora, não seja exclusivamente deles. Não nutrir a curiosidade dos alunos/as, não trabalhar na perspectiva de aguçar os sentidos e o desejo de conhecer e não mediar os saberes e os artefatos culturais produzidos pela humanidade para os estudantes é uma forma de apagar os alunos.

A projeção de uma luz exacerbada ofusca os pequenos pirilampos que possuem também suas significâncias no mundo, seus saberes, suas marcas, suas luminescências. No entanto, a preocupação não deve ser apenas com os excessos e os policiamentos castradores. Tão perigoso quanto a extinção dos vaga-lumes (da curiosidade, do desejo de conhecer) é o seu silenciamento.

Concordamos com Pasolini que o código semiótico de realidade mais sacralizado é o cinema (audiovisual), cuja linguagem, para o autor, é a mais completa, pois interpreta as vivências, os gestos, a observação, a imaginação, a representação, a figuração, a fotografia, a transmissão e a reprodução audiovisual.

[...] o cinema traz o mundo para dentro de si, mas este não se põe como substância transparente que o olhar atravessa em busca de sentido; constitui, ao contrário, um tecido de linguagens – da ação, do corpo, aquela rede de sinais que cabe à semiologia da realidade decodificar (XAVIER, 2014, p. 74).

Jobim e Souza e Albuquerque (2013) tecem aproximações entre o cineasta italiano e o filósofo russo, Bakhtin, para questionar o conhecimento mecânico oriundo de uma instrumentalização de conteúdos produzidos pela ciência ou pela arte e, como contraponto, nos apresentam o que Bakhtin interpreta como autor-criador:

É aquele que por vontade ou desejo busca dar forma e concretude ao mundo da vida na criação de um objeto estético. Ele é o responsável, por assim dizer, pela função estético formal engendradora da obra; em suma, é quem sustenta a unidade arquitetônica e composicional do todo esteticamente consumado (JOBIM e SOUZA; ALBUQUERQUE, 2013, p. 51).

As autoras enxergam essas aproximações na forma fílmica pasoliniana através da escrita da realidade num território dilatado, com composições oriundas do processo de montagem e à sua utilização por meio de signos, rompendo com padrões da continuidade temporal para extrair outras camadas de realidade. Esse autor-criador evocado por Bakhtin e observado na composição pasoliniana: “confere a empatia, marcada pelo tom emotivo-volitivo que o objeto da empatia desperta, a produtividade e a novidade do ato criador” (JOBIM e SOUZA; ALBUQUERQUE, 2013, p. 66).

A criação com artes é atribuída às singularidades dos sujeitos, sendo associada aos seus desejos, às suas vontades e à sua capacidade de exercer o amor. Uma *pedagogia corsária* parte desse pressuposto de práticas inventivas que (des)automatizam pedagogias dominantes. Esmera outras formas de sentir e compor o mundo. Os estranhamentos, as resistências, as sobrevivências, as andanças erráticas, as partilhas sensíveis, que auxiliam os educandos como andarilhos altivos e errantes ou como caminhantes de ideias, que burlam toda e qualquer tipo de linearidade programada do fazer fílmico. Ou seja, imergindo no universo pasoliniano, do fazer realidade, a sacralidade artificialmente é confeccionada.

No contexto escolar, o cinema tem pretensões pedagógicas desde a década de 1920, contudo, no século XXI, ele ganha outras pretensões de método, angariando espaço em festivais de exibição, fóruns de debates e sendo produzido nas instituições de ensino formais e não formais. Essa vivência possibilitada pela produção de filmes nesses contextos, oportuniza outras experiências, cria outras formas de vida, vendo, escutando, fazendo e refletindo sobre o que se filma. Como diz Pasolini (1990, p. 128) “Nada como fazer um filme obriga a olhar as coisas. [...] O olhar de um cineasta – sobre a mesma- paisagem – não pode deixar, pelo contrário, de tomar consciência de todas as coisas que ali se encontram, quase enumerando-as”. Ou seja, enquanto recurso didático é uma poderosa arma de desobediência que denuncia nossas razões inquestionáveis, que enuncia as experimentações com o sensível, incitando o desaprender, o (re)aprender, para depois desaprender novamente. Uma experimentação sensível, secular, que perdura em seus estranhamentos e acirramentos, como bem demarcava Pasolini em sua provocação corpo-imagem.

Fade out

Pasolini pensava o mundo para além da realidade, planejando planos ontológicos que desestabilizariam as linguagens convencionais, presentes no cinema clássico narrativo, ou cinema de prosa. O cinema é uma luz de resistência na escuridão imponente da sala de projeção, um resquício, um deboche. Um elemento de (ex)posição que suscita as marcas da resistência. Além de ponte para o halo-vaga-lume, dialogando com as sobrevivências de nossa realização fílmica

Dessacralizando as instruções de comportamento e imposição de poder, o trabalho com arte e cinema nos contextos educacionais, desconstrói certezas, comete atos de pilhagem, não se deixa modelar. Desautomatizam os modos acostumados de olhar para o mundo convidando ao estranhamento, a atenção, ao olhar sensível para o mundo, outras estéticas que

produzem outros códigos, outras formas de sentir, outras formas de escuta, outros modos de ver. Atacar o comodismo e o automatismo, e se apropriar de outras linguagens para (re)inventar a si e ao mundo, criar novos mundos, onde os vaga-lumes tenham condições de existir, eis alguns pressupostos de uma pedagogia corsária.

Referências

- ALVES, V. M.; SILVA, G. E. F. da; VERSUTI, A. C.. Recontando Volpi por Infâncias Multiletradas: Experiências do Projeto Universidade e Escola sem Muros. In: VERSUTI, A. C.. (Org.). **Tertúlia de ensaios e poéticas sobre Educação, Tecnologias e Comunicação**. Aveiro, PT: Ria Editorial, 2020.
- DIDI-HUBERMAN, G.. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- GRÜNER, E.. Pier Paolo Pasolini: A Tragédia do Real. In: YOEL, G. (Org.). **Pensar o cinema**. Imagens, ética e filosofia. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- JOBIM E SOUZA, S.; ALBUQUERQUE, E. D. P. Bakhtin e Pasolini: vida, paixão e arte. In: FREITAS, M. T. A. (Org.). **Educação, Arte e Vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LINS, C.. **Cao Guimaraes**. Arte documentário ficção. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2019.
- LINS, C.; MESQUITA, C.. **Filmar o real**. Sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- NAZÁRIO, L.. **Pasolini**. Orfeu na sociedade industrial. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- OLIVEIRA, P. G. de. Palavras e imagens infantis: intercambiando linguagens e recriando o mundo com vaga-lumes. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 22, n. 2, p. 493-508, maio/ago. 2020
- PASOLINI, P. P.. **Escritos corsários**. São Paulo: Editora 34, 2020.
- PASOLINI, P. P.. **Os jovens infelizes**. Antologia dos ensaios corsários. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- XAVIER, I.. O Cinema Moderno Segundo Pasolini. In: **Pasolini**. Ou quando o cinema se faz poesia e política de seu tempo. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1997. (Catálogo de exposição, 2014, CCBB).